

REVISTA MENSAL

DA

DOCIÊNCIA

PARTHENON LITTERARIO

1.º ANNO. — DEZEMBRO DE 1869. — N. 10.



PORTO ALGARE

Typographia do—**Jornal do Commercio**—de L. F. Cavalcanti de Albuquerque.

1869.

REVISTA MENSAL

11

BOLETA

COMISSÃO DE REDACÇÃO

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Vasco de Araujo e Silva.
Appollinario Porto Alegre.
José Bernardino dos Santos.
Aurelio V. de Bittencourt.
Francisco Isidoro de Sá Brito.
Hilario Ribeiro de A. e Silva.

REDACTOR DE MEZ

Vasco de Araujo e Silva.

1869

O AGONISAR DO POETA.

Nem o menor ruído, por favor; elle descança depois de uma agitação que me fazia medo, dizia o Dr. Alberto da Silva a Leonardo que entrava.

— Muito bem; tinham-me dito que o nosso bom amigo debatia-se já nas agônias da morte, e não quiz deixar de vir dizer-lhe o adeus final. Fui sempre seu verdadeiro amigo; estudamos juntos, fomos companheiros de casa no Rio de Janeiro; e desde então tomei-lhe uma afeição sem limites. Mas como venho encontrá-lo!... Não ha muito que por aquella fronte macillenta e larga passarão sonhos de um futuro cor de rosa; não ha muito que elle cantava contente, dedilhando no alaude inspirado canções de amor; a molestia veio prostral-o quando elle estava de pé, quebrar-lhe o alaude, esvaecer-lhe os sonhos de felicidade que lhe borbulhavam no cerebro.

— Desgraçada é a condição do genero humano, meu amigo. Nada ha que contradiga esta grande verdade. E a prova alli temos. Quantas noites não perdeu este pobre moço, curvado á mesa do estudo? Quanta difficuldade não teve elle a vencer para ir ao Rio de Janeiro matricular-se no collegio de D. Pedro II? E tudo perdido n'um momento, tempo, dinheiro e em breve a vida!

— Porém, Doutor, não haverá alguma causa occulta para os soffrimentos de Guimarães? Terá elle succumbido diante de embarços pecuniarios? Guimarães é moço e poeta: poeta do coração, poeta do sentimento; talvez que o amor...

— Quem falla aqui em amor, disse o doente erguendo-se de chofre, e percorrendo com a vista desvairada a extensão do quarto? Quem disse que a felicidade se encontra no amor? Quem se atreve a uma tal blasphemia? Amor! o que é o amor? Poderá ser a desesperança, a fatalidade, a morte,— nunca a felicidade!

— Socegue, Guimarães, lhe disse o doutor; vai melhor, não é assim? Dormiu tranquillo?

— Ah! é o Sr., meu amigo? Quanto lhe devo por não me abandonar na solidão em que espero a morte! Tive tantos amigos... tive tantos convivas na mesa da orgia, onde no beijo de mulher lasciva eu queria afogar as dores d'este peito... e onde estão elles agora?

— Leonardo aqui está e não póde entrar no numero dos que te esquecerão. Disse te um dia á mesa do festim, entre o fumo do charuto e o copo de cognac:— Seremos amigos eternamente. Nas manhãs esplendidas da primavera, ou nas noites borrascosas do inverno; nos doces gosos da felicidade, ou no amargo do infortunio, seremos sempre os mesmos.

— É verdade, meu bom Leonardo; lembro-me como se essa especie de pacto se houvera contrahido n'este momento.

— Sente-se melhor? Deus não ha de permittir: que o cantor inspirado estale as cordas do alaude para ir entoar seus hymnos no céo. É cedo ainda. Deus gozará dos teus cantos por uma eternidade; nós temos escutado apenas os primeiros harpejos da tua lyra divina.

— E poderá eu cantar mais n'este mundo de caleulo e de putrida materia? Tolerariao um hymno entrecortado de soluços, inspirado pelas lagrimas, saturado do fel que encheu-me o vaso do coração? Houve tempo em que eu desferia no meu instrumento queridos canticos de amor em louvor do Senhor Deus; acompanhava o modulo dos passarinhos mimosos poisados nos ramos do arvoredo quando vinha nascendo a aurora; trabalhava durante o dia, e ao calir da noite entregava-me inerte á oração. Mas hoje... eu soffro tanto, meu Deus!—

Guimarães levou as mãos á cabeça como em desespero, e foi pouco a pouco adormecendo.

Os dois amigos permanecerão mudos por alguns instantes. Tinhão receio de acordar o doente, que parecia então mais tranquillo.

De repente Guimarães agitou os braços, contrahiua o rosto, e soltou um gemido... um gemido que penalizou os circumstantes ao ponto de fazel-os chotar.

Passou as mãos pela frente, estremeceu e fallou:

« — Porque me appareces, sombra que adorei outr'ora? Porque vens ao sanctuario da morte augmentar a agonia do que soffre? Affasta-te, affasta-te para longe, que eu não quero ter-te ante os olhos. Que queres de mim, desapiedada creatura? Se vens justificar te, fuge, que eu não preciso ouvir te!

— O que é aquillo, doutor?

— É a febre... não sente a ardencia d'aquella fronte... mesmo d'aqui?

— Pensa que a morte não tardará a arrancar o ao nosso afflicto?

— Tudo quanto a sciencia me ensinar, será feito. O resto fica á Divina Providencia, cujos segredos são impenetraveis.

— ... Ainda não te foste, sombra maldita?... não... não... não tenho coragem para lançar-te a maldição. Eu era moço, muito criança ainda; vivia feliz com o meu companheiro inseparavel na loucura dos prazeres tanto como nas horas de tedio. Passaste um dia pelo meu caminho; lançaste-me um olhar e partiste ligeira. Que olhar, Malvina, que olhar o teu! Desde então foi-se-me a calma, foi-se-me o prazer. Em toda a parte aquelle olhar a fascinar-me! Se tocava as cordas do alaude, a tua imagem me apparecia bella e encantadora, desafiando o meu amor. Se no prado olhava as flores, parecia-me ver na corolla os teus brilhantes olhos negros; se voltava as vistas para a latada da madresilva, por entre as folhas verdes eu via aquelles olhos a scintillarem como duas finas perolas. Não era possível resistir... corri atraz de ti, deliberado a possuir-te ou a morrer. Perguntei aos viajores se te tinhão visto passar dias antes; examinei o bando de moças que encontrei no meu trajecto, e nada. Ninguem me sabia informar, ninguem te vira. Quem sabe se não foi uma visão que me appareceu em sonho, perguntava-me eu? É entregue á duvida, á incerteza, ouvi no longe o rodar de uma carruagem. Mais e mais se approxima... vem perto... avança... lança os olhos para dentro... ah!.

— Doutor, doutor... .

— Deixemol-o... Sonha... para que acordal-o?

— ... Eras tu... Quanto fui feliz então por encontrar a possuidora d'aquelles olhos que me fascinavão!... Segui-te até onde te levou a carruagem; entraste em casa... foste buscar repouso para as fadigas do passeio, enquanto que eu velei toda a noite, envolto n'um novo mar de duvidas.

No outro dia, abri-te o meu coração para mostrar-te os thesoiros de adoração que guardava para ti; fellei-te de amor; pedi-te a felicidade de toda a minha vida a uma simples palavra — *Sim*. —

Oh! quanto foste desapiedada! O anjo de ceruleas azas tornou-se estatua; á ro-

sea côr das faces substituiu a brancura do gelo; e do alto do teu orgulho me repe-
liste, soltando afinal uma gargalhada satânica, como devia ser a de Demócrito ao
contemplar as mandanas misérias. Ainda tenho atordoados os ouvidos! Fugi... e
qu岸tos mais esforços fazia para riscar da memoria esse sonho de um dia, mais
sentia bater-me o peito, mais amor para offerter-te! Na lueta insana que travei com
o coração, o resultado foi este: hoje a doença, amanhã a morte... oh! é horrivel...»

A tosse suffocou o enfermo, e uma golfada de sangue sahiu-lhe pela boca.

Passados alguns momentos, Guimarães fallou:

«Meus amigos, sinto que a minha derradeira hora se avizinha; já nem forças
tenho para fazer-me ouvir. Cheguem-se a mim, que lhes quero dar um conselho.
Accuso da minha morte a sociedade. Desde os primeiros annos revelou-se-me uma
irresistivel vocação para as letras. Nas horas de ocio cantava na lyra e escrevia fo-
lhetins para jornaes. Passei do folhetim ao romance, convencido de que o primei-
ro é como a flôr de um dia, que a viração lança para longe. Quando o meu nome
começou a apparecer elogiado pelos mestres, senti-me orgulhoso, e disse: ao menos
assim ha uma compensação para os que se afidigam pelas letras. A maledicencia
e a inveja não tardarão em lançar-me ao coração o gelo da descrença; e no combate
à que provoquei os materialistas da epocha, tive a infelicidade de ser vencido.

Cantei, e rirão-se estolidamente dos meus hymnos; e um mais ousado houve,
que perguntou o que guardava a cigarra para atravessar o inverno.

Escrevi folhetins aos domingos, e recebi-os ao outro dia envoltos nos genços
da taberna.

Fiz romances, e não achei editores nem subscriptores.

Tantas decepções enfraquecerão-me o animo; e pela primeira vez tive de cur-
var a cabeça á sentença dos homens que proclamavão a supremacia do dinheiro, e
declaravão se em guerra aberta ás letras.

Desanimei; lamentei ter consumido a melhor parte da minha vida a estudar a
litteratura, a aprender a historia.

Vi-me sem meios, mas repugnou á minha dignidade ir pedir-os aos unicos que
m'os podião dar, aos que se dizião senhores absolutos porque tinham muito oiro!
Preferi a miseria; e querem saber porque soffro?

Tive fome muitos dias; quando quiz erguer-me para recorrer aos poucos ami-
gos que me restavão, não me foi mais possivel; a enfermidade não m'o consentiu.

O meu exemplo deve servir-vos de lição; não se cancem; se ainda é tempo, dei-
xem os livros, e tornem-se commerciantes; hoje no mundo tudo é calculo e com-
mercio, até... no amor... .

E a tosse e a golfada de sangue repetirão-se.

Bem sabião os dois amigos do enfermo que, sobretudo, fôra o amor despresado
que matára Guimarães; tinham lhe surprehendido o segredo n'um momento de
febre; respeitarão n'o, fingirão ignorar-o!

A agitação de Guimarães foi crescendo, e em pouco conheceu-se que a scien-
cia nada m'o istinha a fazer.

Guimarães abraçou os dedicados companheiros que tinha em derredor, e agra-
deceu-lhes por não o terem deixado morrer só.

A sua ultima palavra foi um perdão a Malvina, e uma absolvição aos que o ti-
nhão insultado.

Alberto e Leonardo fizeram o enterro do pobre poeta, roubado á vida no ver-
dor dos annos.

No mesmo dia do sepultamento de Guimarães, Malvina recebia-se em matrimo-
nio com o escolhido da sua ambição, um homem rico, que comprára a peso de oiro
o titulo de commendador.

Deus deve ter em sua santa gloria o moço que atravessára o caminho da vida,
sangrando os pés nos espinhos que lhe semeiario; Malvina soffre as consequencias
do seu orgulho nos desgostos que o consorcio lhe trouxe.

A PEIORA FENÓDIDA

LENDA NACIONAL.

A GUILHERME DA SILVEIRA.

Surgindo n'agua á flôr coberta de verdura,
O mar em torno d'ella assim brando murmura :
Tú és de Guanabara a mais mimosa filha !
Nenhuma como tú no seu regaço brilha,
Tão bella e tão gentil, oh Paquetá saudosa !
Eu mesmo, nos vaivens da lida perfosa,
Ao ver o solo teu coberto de verdores,
Em ti penso beijar a *Ilha dos Amores*;
Aquella que em meu seio á voz de um genio surge,
E que ao repercutir da voz inda resurge,
Bella qual a creou esse inspirado genio,
A que m o mundo deu o mendigar por premio.—
Alli a tradição conta uma triste lenda,
De que te faço, amigo, esta singela offenda.

Paulo era pescador e mal entrava ainda,
Na idade das paixões; quadra risonha e linda,
Em que elle, além do mar, que impavido sulcava,
Para tudo no mundo com desdem olhava.
De pequeno, seu pae, um pescador tambem,
Ensinara lle a ver o que dehorrendo tem,
No seio a tempestade, quando ao mar e á terra,
Revoive a face n'um e n'outra abala a serra.
Mas um dia seu pae á choça não voltára,
A morte com traição do barco o arrebatára !
Colhia o pobre velho a rêde sem cautella.
E subito sentiu-se emmaranhado n'ella;
Desenredar-se quiz, porém fatal sentença,
Já tinha a sorte escripto; a superficie immensa
Ao corpo que tombava um largo espaço abriu,
E o corpo á superficie, ai, nunca mais subiu !

Paulo ao perder seu pai sentiu-se de repente,
Irmão e protector de linda adolescente,
Encanto e seducção dos rusticos vizinhos;
Amelia, se chamava o cofre dos carinhos,
N'aquella boa gente á lida acostumada;
E Amelia, morto o pai, foi logo disputada !
Era coisa de ver a socegada ilha,

Alvorçar se toda a reclamar a filha !
Brava a contenda foi, mas Paulo a todos dera,
Razões tão naturaes, que a todos convencera.
O triste assim fallou :—Se pae, se mãe perdi,
(Ha muito a mãe morrera) e Deus me tem aqui,
Errando sobre a terra, oh quereis vós roubar-me,
Quem pôde este viver, sorrindo, amenisar-me ?...
Movidos eu bem sei que sois da caridade,
Mas dae este consolo á misera orphandade;
Se minha irmã levaeis, o que será de mim ?...
Na vida encontrarei a solidão sem fim !
Eu, que sulcando o mar as solidões só vejo,
Nem mesmo no meu lar terei o casto beijo,
A voz da minha Amelia a soluçar baixinho :
Oh Paulo, meu irmão, aqui n'este cantinho,
Somos nós e a saudade, mais ninguem se acolhe.
E no mar, quando a vaga os mens vestidos molhe
Dizei ! quem sobre a relva ha de estendel-os rindo ?
Quando ao entardecer do mar vier fugindo,
Quem ha de ir esperar-me á sombra dos coqueiros,
A acenar-me de longe ?.. ai, vós, meus companheiros,
Tendes, volvendo á praia, a esposa que suspira,
Que mil affagos dá, que a vossa rede tira.
E cantando comvosco as malhas lhe concerta.
Mas eu, triste de mim, com a choupana aberta,
Ninguem me levará, sequer a gota d'agua,
Um consolo ao soffrer, um lenitivo á magoa.
Amelia me deixae, é rôla d'este ninho
Eu sei — que morrerei se me deixar sosinho. —

Quem se havia de oppôr ? com seu irmão ficára,
E na desdita Paulo a sorte abençoára,
Por lhe ter concedido aquella criancinha,
Esteio que de pé o corpo lhe sostinha,
E ás lufadas da dôr a vida lhe abrigava.

Na quadra das paixões Amelia penetrava;
A infancia a suspirar por ella se ficou.
Como a quem desde o berço estremecida ameu.
E nunca a mocidade abrira o seu regaço
A fronte mais gentil; Paulo moreno e baço,
Tostado pelo sol mostrava o rosto bello;
E tinha no dizer um modo tão singello,
Que ouvil-o uma só vez, era ficar captivo !
Quando na capellinha ou n'um logar festivo,
O donairoso par taful apparecia :
—Que bonitos irmãos— o povo repetia.
E não faltava alli rapaz que não pensasse,
Ao ver a linda Amelia em venturoso enlace;
Mas se ella presentia uns longes na conversa
Do occulto pensamento, alli logo dispersa,
Ficava a companhia, e Paulo de repente,
Arremessado olhar lançava ao pretendente.
Então no grupo alguem vendo este irmão cioso,
De mansinho dizia :—oh nem que fosse esposo !—

Se o mar era sereno e o céu era de anil,
A's vezes na cauda entrava o par gentil;
E quando o sol no occaso as serranias doura,
Como era lindo ver de Amelia a trança loura,
Caprichosa ondulando á viração da tarde!
Um frio coração d'estes em que não arde,
Nem viva já se atcia a branda luz da só.
Se visse no barquinho aquella moça em pé...
O sol a illuminar-lhe as faces e os cabellos...
E o mar a debuxar os seus perfis tão bellos...
Alma gasta, descrente, oh reprobó que fosse,
A' mente lhe viria um pensamento dóce;
De pac, de mãe, de Deus se lembraria emfim,
Se visse no barquinho á tarde Amelia assim.

Um dia alguém notou que á missa já não ia,
Amelia a devotinha, a flor da frêguezia,
A mesma que o vigario apresentava a todos,
Como exemplo a seguir na compostura e modos,
Que deve a moça ter na casa do Senhor.
E depois, mais alguém, o povo fallador,
Raça damninha e vil que em toda a parte habita,
A que não ha fugir, pois quanto mais se evita,
Mais nos devassa o lar e nos escuta a voz,
E se não vê nem ouve, ergue a calúnia atroz,
Esse monstro fatal a cujos pés rebrame,
Com a negra meutira a hypocrisia infame.
Tal povo emfim notou que o meigo par agora,
Não era em seu viver o mesmo par de outr'ora;
Faltava-lhe a alegria, aquelle sol formoso,
Que doura a mocidade a palpitar de gôso.
Nos domingos á tarde entre o girar das danças,
Ai nunca mais se vira o fluctuar das tranças,
Nem o canto de Amelia acompanhando o côro
Do bando festival; dizia-se que em choro,
Alguem a surpreendeu fitando um dia o mar,
Sem jamais se saber a causa do pesar,
Que de pranto inundava a face á linda moça.
Tambem agora havia em torno á humilde choça;
Um não sei que sinistro e de tristonho aspecto,
Morrera o sabiá; pendente inda do tecto,
Se via abandonada a muda gaiolinha,
E o basto roseiral por quem Amelia tinha,
Tão entranhado amor, á secca se mirrava.
Que desdita seria a que sem dó roubava,
Da socegada estancia o riso, o canto e as flores?

Era o quente verão; do mar os pescadores,
Fugiam com temor da proxima tormenta.
A tarde ia no fim; já uma cor cinzenta,
Nuncia do trovejar, ao longe o céu cobria;
Enormes, semelhando immensa serrania,
As nuvens em tropel sinistras avançavam;
Intenso era o calor, nem leve ciciavam

As folhas no arvoredo; e quem n'este Brasil,
Não sabe como em ti oh Paquetá gentil,
São tanto de temer as seccas trovoadas?

As candas á praia emfim já são chegadas;
De esposas, filhas, mães, palpita desopresso,
E ledo o coração; oh quanto é caro o preço
Por que vós lhe compraes, oh pobres pescadores,
O seu terno carinho e os seus ternos amores.
E' por ellas que vós sulcando o extenso mar,
Estaes sempre co'a morte alegres a brincar;
E' por ellas que vós sobre esse mar correndo,
Nem vos lembraes talvez que o vendaval tremendo,
Trado, dentro em breve arroje às profundezas,
Vossas vidas que estão já d'outras vidas presas.

Liberto o furacão, arqueja, rugo, freme,
E a terra ao seu embate, horrorizada treme;
Do mar a superficie agita-se alterosa,
Parecendo abalar co'a furia impetuosa,
Os rochedos que em torno a Paquetá erguem
A sabia natureza; escuro e negro o céu,
Mais negro inda o tornava o approximar da houte.
A tempestade erguendo o pavoroso açoute,
O medo, a assolação em tudo ia deixando.
Estala va o trovão e rapido passando,
O raio coruscante, illuminava a scena
De fugaces clarões; ao longe a voz serena
De crianças que ao céu em côro a prece erguião,
Aos echos da tormenta os deveis sons união.
Subito, entre o bramir dos encontrados ventos,
Humana voz se escuta, e vem do mar; attentos
Os olhos atravez da escuridão procurão
D'onde vem o clamor; intensos já fulgurão
Mil fogos sobre a praia o mar illuminando;
Eis que ao longe se vê, nas vagas fluctuando,
Desmantelado e entregue á furia da tormenta
Pequenino baixel, que a custo se aguenta
Sobre horrido escarcéo; na praia os mais ousados
Querem ao mar sahir, e tentão, mas baldados
Os seus esforços são; á praia elle devolve
Arrojado batel, que afouto se resolve
O seu dorso a galgar; perto o clamor já soa,
E distincto se escuta assim: — meu Deus perdõa,
A mim que vou morrer, o meu peccado atroz! —
Amelia! o povo exclama ouvindo aquella voz;
E a triste para a terra os braços estendia,
Como se a multidão que sobre as praias via,
Podesse ir arrancar-a á angustia em que penava.
A pobre em afflictão depois continuava:
Piedade, soccorro! . . .

O coração confrange
O grito dolorido, e o que em redor abrange
A vista desvairada, oh, mais horrendo torna
O pavoroso quadro; o mar já quasi adorna

O alquebrado baixel, até que enorme vaga
De encontro a erguida rocha o pobre lenho esmaga ;
Seguiu-se um grito, um só, medonho, pavoroso,
Que o furacão levou rugindo furioso.

Não era a rocha nua, em torno lhe viçava,
Densa vegetação que o mar em vão tentava
Nas crescidas marés, ás vezes destruir ;
Quando o barco de encontro ali se foi partir,
O instincto natural aos naufragos mostrára
A unica salvação ; um raio que passára,
De luz todo inundou em pedestal ingente,
Um grupo magestoso, um grupo commovente ;
Ai, era Paulo e Amelia, os dois irmãos, que unidos
Erguião para Deos as mãos agradecidos.
De joelhos na praia o povo a Deus se prostra,
E erguendo as mãos também a gratidão lhe mostra ;
De repente, porém, novo trovão estala,
E o feroz ribombar como que a terra abala.
Um raio que baixou das solidões do espaço,
A rocha bipartiu com horrído fracasso.

Serenára a tormenta e de entre o mar sahiu
Uma voz que na terra assim repercutiu :
— « Olhai d'estes irmãos o fim negro e funesto,
E vêde como Deus sem dó castiga o incesto. »
Perto de Paquetá fendida a rocha existe,
A memorar de Amelia e Paulo o caso triste.

1869, Rio de Janeiro 30 de Junho.

M. J. Gonçalves Junior.



DOUS CULTOS.

Era no templo ! enovelado em ondas,
O incenso para Deus brando subia ;
E a voz do órgão magestosa e grave
Todo o espaço inundava de harmonia.

O sol era no occaso ; um raio a furto,
Coando-se no vidro, illuminava
Ao sacerdote a veneranda fronte,
E como que uma aureola lhe dava.

Tudo ali era paz, socego tudo,
E na prece a minha alma recolhida,
Quando já para Deus ia a ascender-se,
Em ti pousou oh sol da minha vida !

Correrão dias e uma noule ouvindo,
Da tua meiga voz o brando accento ;
Essa candura que o teu labio estilla,
Quando a phrase traduz o pensamento ;

Lembrei-me então das sacras harmonias,
Do sol, da prece, que no templo erguera ;
E d'aquella visão terna e suave,
Que o santo enlévo atraíçoar viera.

E depois, quando a luz serena e limpida
D'esses teus olhos encontrava os meus,
Eu preso e fascinado pelo encanto,
Olhando para ti pensava em Deus !

Erão dous cultos, sim, ambos unidos,
Ambos gerados pelo mesmo amor !
Se amando a Deus amava a creatura,
Na creatura amava o Creador !

Rio de Janeiro, 1868.

M. J. Gonçalves Junior.

O ENGEITADO.

(*Impressões da Judia, poesia de Thomaz Ribeiro.*)

O' noute! Quanta belleza
Tinha a magica tristeza
Que teu silencio infundia
Nos céos — um arco de lua,
No rio — baixel que fluctua
Ao arfar da maresia.

—
No horisonte a densa esteira
Da gigante cordilheira,
Que s'estende desde o mar;
D'aqui, d'ali — illias soltas
E rios que, após de mil voltas,
Vem-se ao lago derramar.

—
A meus pés frême o Guahyba,
E além, n'arenosa riba,
Reflue o mar a gemer;
Mais longe o écho estrugia
Sons de um clarim, e dizia:
— São horas de recolher!

—
O' noute! Que mago encanto
Reçumbrava de teu manto
Esparso a face da terra!
Sonhos de amor e poesia
Tinha o lago que dormia
Debruçado aos pés da serra.

—
E grata e doce a bafagem,
Da figueira entre a ramagem,
Dizia triste — *saudade*.
Aqui — phantasma do vicio,
Se erguia um negro edificio,
E lá em cima — a *Caridade!*

—
Tudo era bello, meu Deos!
A terra, o espaço, os céos
Resplendecião de encanto!
Mas qual a vaga eu gemia
Porque min'alma eu sentia
Sossobrar, afflicta, em pranto.

Soffria l. . . e sempre sosinho,
Como um passaro marinho
Vagava, beirando os cáes. . .
Porque eu, qual n'um deserto,
Estendia o olhar incerto
Sem nunca ver á meus paes !

Porque jámais esperava
Entre a turba, que passava
Tão junto a mim em seu trilho,
Quem a dextra m'estendesse. . .
Quem minha dôr compr'hendesse. . .
Quem me chamasse — seu filho !

Ninguém ! ninguém ! sempre só ! . . .
Estatua lançada ao pó
Eil-o — engeitado e maldicto !
Vêde-o — que escarneo sublime !
— Insonte e filho do crime,
Em todo o mundo proscripto ! . . .

A' elle não se abre um seio,
Não — que existe de permeio
Entre mãe e filho. . . horror !
Em vez do amor tão sagrado,
Um anáthema — engeitado !
E a miseria, a infamia, a dor !

*
Longe d'arvôre que se esfolha,
Pobre folha,
Fragil brinco do tufão,
Em que chão.
A misera irá parar ?

Terá ella acaso abrigo,
Seio amigo,
Que lhe dê o seu calor,
Seu amor,
Onde possa dormir ?

Quem sabe ! Mas eu anceo
No receio
De que role a pobresinha,
Tão mesquinha,
Senda azinha até morrer.

Tal sou eu — pobre engeitado,
Desgraçado.
Sem familia, nem lareira
Onde em hora derradeira
Vá gemer,
Vá morrer tão malfadado.

Bem alta vai a lua ! E' findo o baile;
Já bem longe fluctua o claro chaile
Da donzella formosa,
Que volta do saráo, onde entre as flores
A mais querida foi, scismando amores,
Ou d'elles desdenhosa.

Prosegue a noute ; reprêso o mar é quêdo;
Não vejo a propria sombra, e como a mêdo
Abraço a solidão.
Após da festa não ha nem luz, nem vida,
E nem da orchestra sequer nota perdida
Revibra no salão.

Tolda-se o firmamento; as sombras descem;
Reina a tormenta; os astros desaparecem;
E' todo negro o norte !
Sérpe ignita o raio enrosca as vagas,
Que succedem-se, gemendo, á longes plagas,
O cantico da morte.

No entanto, a morte, que conservo n'alma,
Não dá-me, barbara, o repouso, a calma
Da campa delecteria.
O' misero que sou ! . . . Eis minha sorte :
— Silencio e sombra, isolamento e morte,
E desprezo e miseria !

Qual da Bethania o biblico leproso
Eu padeço; e qual Job, nem sequer ouso
A' meu Deos me queixar.
E martyr, a tortura e o esquecimento
Calo n'alma, sigillo o meu tormento. . . .
Padeço sem chorar.

O mundo de meu pranto zombaria
Se m'o visse verter, sim se riria
Democrito cruel !
Porque sem compr'hender seu riso stulto,
Tyranno lançar-me-hia atroz insulto,
Os residuos do fel !

Mas o que importa a turba que escarnece,
Quando no peito a vida se esvaéce
Transbordando de dor ?
Que importa mais um travo, um soffrimento,
Um espinho de mais, mais um tormento,
Na vida do cantor ?

Que importa mais um golpe sobre a chaga,
Que sangra eterna, que jámais se apaga,
Que já cura não tem?
Ergão-se phariseos, lancem-me os dardos,
Eis o meu peito. . . crôem-me de cardos,
E eu rirei tambem.

Rirei da própria dôr que me turlura,
Rirei da minha infausta e má ventura
Escripta no inferno. . .
E embora sinta pungir-me aguda pena,
Rirei té do juiz que me condemna,
Serei um riso eterno!

E rindo, crer-me-hão feliz. No meu tugurio
Ninguém virá bradar-me: — «O' filho expurio,
Arrêda, eu quero entrar!»
Mendigo, posso invocar a caridade,
Impetrar d'este mundo a piedade,
Sem ter do que corar.

Mas nunca amor supplica o coração,
Que pôde bem ser nôbre, e não ter pão,
Na miseria jazer!
O' que a fome de Camões fêl-o mais nôbre,
E nem corava o São pedindo um cobre,
Para lh'o vir trazer.

Não deshonrou a esmola a Belizario,
Quando da patria banido, adversario,
Triste fado cumpria,
Pelo braço da filha que o guiava,
Doce luz que ao grande cêgo illuminava
A deveza sombria.

E no entanto, eu soffro. . . e muito. . . e só!
Mas não quero que de meus males tenha dô
Quem negou-me um seu riso.
Não! . . . Regeito a compaixão por seu rancor,
Quero — inteiro seu odio, ou seu amor —
Inferno ou Paraizo!

No orgulho que se nobilita no tormento
Julgo o mendigo de amor vôrme nojento,
Repugnante e vil

Quero ser antes obelisco no deserto,
Do que poder esmagar-me, em passo incerto,
Um pé como a um reptil.

Todos ós entes creados
São mais felizes que eu;
Têm estes por patria os prados,
Aquelles — nuvens de céu;
Este outro no fundo mar
Tem seu berço que ha de amar.

E lá na invia floresta,
Inaccessivel, remota,
Nas horas da ardente sêsta
A fêra vae senda ignôta;
Penetra as grotas dos morros,
Onde aninha os seus caxorros.

E toda amor, quem diria
Ao vê-la a' prole lamber,
Que é ella a besta bravia,
Que de susto faz tremer?
Pois na caricia materna
Tanto é docil, tanto é terna!

E como a tigrá na selva
Azylo aos filhos procura,
Busca a cadórna, de relva
Uma toíça mais segura,
Onde faz cama macia,
Sobre a qual seus pintos cria.

A mosca, o pequeno insecto,
A serpente ignava e vil,
O verme o mais abjecto,
O mais nojoso reptil,
Ser tem o amor filial,
Todos, por lei natural.

E á esta lei tão suave
— De amar tão caro objecto —
Nenhum, nem fera, nem ave,
Nem o reptil, o insecto,
Nem o verme famulento
Se lhe esquiva ao mandamento.

Nenhum ao filho renégal
E, irrisão ! ao contrario,
Em quanto o bruto os offéga,
Vae ali, cruel sicario,
Humano desnaturado
Deitar fóra ao seu gerado!

As maldições do inferno
Punão tal crime e infamia...
Que o punja remorso eterno,
Que eterna lhe seja a insania!
Que seu peito, sem amor,
Seja eculeo á mortal dor.

Mas blasphemo, meu Deus!... Perdão, Senhor,
Não fulmines a colera dos céos
— Nem sobre a mãe, que ao filho renegou;
— Nem sobre o filho, que a mãe amaldiçoa!...
Perdão, Senhor, perdão!

Estava louco...:
A dor me obsecou e ardendo em febre
Eu não senti dos labios, que queimavão,
A lava do anathema se expellir....
Perdão !... Eu soffro muito !

O' minha mãe,
Te não podes queixar se aos céos mandei
Contra ti uma queixa amargurada...
Eu não sei compr'hender o amor de filho,
Porque não tendo paes, nunca o senti !
A êsmo, lançado á praia, ao acordar-me
Do pezado lethargo em que jazia,
Tinha a meu lado o mar erguido em furia;
O céu era mais negro que o mysterio
Da minha triste historia e nascimento;
E confusos, no horror da tempestade
Meus primeiros vagidos s'extinguirão.

E desde o leite que devia alimentar-me
Até o teu extremo e tuas bençãos,
Tu, me negaste tudo, ó minha mãe.
Pr'a furtar-te á vergonha do teu erro
Optastes, cruel, meu sacrificio...
Me mandaste engeitar da praia á beira!

Mais benigna serias dando em pasto
A' esfaimados cães meu fecto imbelle,
Do que deixar-me vivo, entregue aos homens.

Me não podes chamar — máo, inflexivel,
Porque não me ensinando uma virtude,

Não me dêste uma crença, e nem teu nome,
Para evocando a Deos abençoal-o.

Se eu sou máo, é somente a culpa tua;
Pois não pôde ser bom quem não haurio
Nos seios de uma mãe leite e ternura.

Repellido por ti, mulher sem alma,
Por ti, de quem sou parte em carne e sangue,
Quem da vida, na rota que percorro,
Me mostraria o norte e o bom caminho ?
Quem viria enxugar o pranto amargo
Que de meus olhos verte copioso
Qual outr'ora d'Horeb o jorro d'agua,
Na minha solidão, n'este deserto
Immenso como o *Barca*, ingrato assim?
Oh! ninguem, minha mãe!... Se tu podeste
O fructo do teu amor, fracção de ti,
Jogares ao desprezo e aviltamento;
Repellido por ti, que só devêras
Morrer commigo ao seio, quem quizera-me,
Ou quem quizera eu —chamar de amigo ?
Ninguem me quer a mim, e eu a ninguem.

Mas n'este isolamento da familia
Ha momentos horriveis, explosões
De desespero e pena, de odio, de ancia,
Que espedação a alma, em que fallece
A mais robusta fé... Horas de insanía.

Sem crenças, sem esperanças, sem amores,
Que lhe inspire nas acções nobres e grandes,
Elle— *engeitado* — por todos malquerido,
A seu turno tambem descrê de todos,
E sceptico se torna, e se degrada...
Suppõe na carne o goso e após o nada;
Ama, ou se entrega ao goso da materia;
E deixando-se arrastar das vis paixões
Um degráo, outro e outro desce á crápula,
Que na taberna immunda a séde tem.
Ahi se joga a honra contra o ouro
Desse templo infernal unico idolo;
Ahi se acalma a dor na embriaguez;
Ahi se apaga a sêde que devora,
Nos labios das Phrinés, ou no cognac,
Que cresta nas labaredas millicôres
Os hervados espinhos do desgosto;
Ahi, cambaleando, em copes cheios
Bebe-se o poncho, o rum, e o abysinlho
Em louvor da materia em bellas fórmas!
A saude do corpo! — a paz d'Epicuro!
Ahi, onde a mulher venal, sem pejo,
A' quem mór preço dá vende os encantos,
E exclamando— *Per Baccho!* amor e vinho!
Rodopia, fraqueia e cahe por terra!...

E' onde vae esquecer a dor as vezes
O engeitado, o orphão de paes vivos !
Sim, ó nessa ignobil furna tenebrosa,
N'esse barathro onde os vicios remoinhão,
Que elle vae esquecer magoa profunda,
Que elle busca o prazer das sensações,
O suicidio emfim, do corpo e d'alma.

Mas eu não desci tanto, não, o juro
Por Deos, em cuja fé fui educado,
A' cuja omnipotencia eu curvohumilde,
De quem conheço a obra-maravilha,
Essa, a mais sancta das virtudes todas
Ensinada por Elle, a— *Caridade!*
Não calquei um degrão sequer da escada,
Que descida uma vez não mais se sobe,
E que vae ter pelo crime ao cadafalso.
Não, beirando-a talvez, voltei a tempo :
Por que foi indo á ella que aprendi
A ter crença, a ter fé, a ter espr'ança.
Já quasi no pendor a descambar-me,
Ergueo-se uma mulher, se sombra, ou corpo,
Não saberei dizer, mas sei que era
Tão bella como os anjos do Senhor,
Que, acaso, um milagre, ou a Providencia
Collocou — qual pharol erguido a eosta,
Que ao navegante mostra onde os escolhas,
Que deve desviar— em meu caminho,
E o passo suspendi na torpe senda,
E tive de mim mesmo pejo e dó.
E senti-me pequeno e acabrunhado
Ante a *estatu*a que Deos reanimára
Para ser d'ora avante idolo ao bardo!
Se ella um anjo não é, se nunca o foi,
Era modelo, que os gregos não tiverão
Para d'elle imitar de Chypre a Deosa.
E, ou fosse illusão gerada em febre,
Ou bella realidade, eu sei que a vi,
E que ao vê-la esqueci quanto soffria
Para só a lembrar no meu amor.

Ella era um anjo, sim: ella ensinou-me
A não desesperar do infortunio,
A esperar, crente em Deos, melhor porvir.

Ella era um anjo, sim; n'ella adorei
A mulher que odiára em minha mãe !
E todo o odio que votava a esta
Transfundio-se em ternura, em piedade !.....

Ó Christo, como é bello o teu calvário
Onde chora Magdalena arrependida !

Bem longe vae meia noite,
São horas de repousar;
Todos tranquillos já dormem,
Só eu estou a velar....
Elles sonhão, —são felizes...
E eu ? Nem posso sonhar !

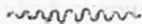
Faz frio, recrudescea chuva,
Eu me sinto enregelar;
Todos têm tecto, ou lareira
Onde se vão abrigar.
Mas eu, mendigo, *engatado*,
Aonde irei pernoutear ?

Só tenho por leito as praias,
Ou das ruas a calçada;
Por coberta as intemperies,
E além d'ellas mais nada.
Mas como deitar-me agora
Se 'stá tão fria e molhada?

Passarei a noite inteira
Desperto sem precisão,
Collado á fria parede,
Ou de joelhos no chão.
Seja pelo amor de Deos
Rezemos pia oração.

Porto Alegre, 13 de Outubro de 1869.

José Bernardino dos Santos.



O CELIBATO

Epistola V e ultima.

« Maldicto o matrimonio e seus effluvios !
« Maldicta a lei que o matrimonio ordena !
Tu disseste ! ? Blasphemia ! Impiedade !

Meia-noite echôa nos espaços
Entro em casa, me sento junto á mesa
Onde sempre te escrevo.

Um velho amigo
Consocio de collegio e d'esses dias
Que nossas fronte risos enfloravão,
Da infancia na aprazivel, doce quadra,
Ila pouco visitei, com elle estive.

Quando da pubescencia ardentes áscoas
No peito lhe ferverão, foi um louco
Arrastado nas ondas da volupia.
Nada temia, além dos desenganos
Em seus amores faceis e conquistas.
Insano s'entregava ao tom dos ventos
Que as paixões sopravão dentro d'alma,
Bem como o nenuphar na espumea lymphá
D'uma torrente em tufos despenhada.
Lovelace o chamarão, Jacques Rolla.

E não o era ! Que apenas fôra o infante
Que atraz corre de varia borboleta,
E corre até calir no prado exausto.

Cansou um dia, arripiou no trilho,
E á lareira correrá d'onde ausente
Por largo tempo esteve, sem lebral-a.

Vi-o constricto vir, pallida fronte,
Macilento, sorrindo com tristeza.
A's pompas que pullulão primaveras,
Ao desbrochar dos annos vendo a vida
Como botão que murcha, como phálena,
Que na chrisalida — risonho berço,
Vai deparar a tumba cineraria !
Vi-o assim, mas por pouco.

De seus lectos
Inda agora sahi e trouxe n'alma
Doce perfume de caçoilta argentea
Alegria ineffavel que amenisa,
Que o espirito depura, a Deus exalça,
E nas provanças agras da existencia
Fal-o energico, forte debater-se.

E sabes o que tinha ameno balsamo?
Sabes o que doçuras derramou-me,
Como a mavelta o beijoim vertendo
Em caracões azues de olente effluvio?
Foi um quadro singelo, mas sublime
Como o que a Raphael o typo dera
Da virgem da Cadeira.

Vou traçal-o
Em rapido bosquejo

Sobre um leito
Enfermo jaz um moço levemente,
A seu lado zelosa e terna esposa,
E d'elles de permeio curto berço
Onde gentil menina dorme o somno,
Que dormem anjos na morada céruia.
Que delicias frui assim os vendo!
Como abençoei o céo que faz ditosos!
E no meu coração, quantas caligens
Não dissiparão breve a linda scena!

Deus é grande, exclamei, feliz o homem!
A consorte amavel, diligente
Do esposo solettrar nos olhos busca
O menor de seus desejos, a seus males
Blandicias derramando em doce trato
Que á mulher só pertence, só é d'ella
Só pôde dispensar, trato que viça
Aos femininos dedos pulchras flores
Da esperança vital, e que ao doente,
Ao homem que debruça nos abysmos,
Evoca do soffrer a seu aceno,
Para abrir-lhe o alcáçar de venturas.
Como Lazaro á voz do divo mestre
O sudario rompendo torna á vida.

A filhinha desperta a nossas vozes,
E logo novo rumo toma a pratica.
Alli vela sorrindo, se animando
Ao amplexo paternal, da mãi aos beijos,
Vel-a balbuciar accentos timidos
Que o labio infantil murmura cedo
Accentos como canticos seraphicos.
Como harmonias que do templo emanão,
Como brizas d'um lago á flor correndo,
As horas se deslisão como em sonhos
Ou bem quando a alma em abandono escuta
As notas pappitantes — scismadoras

Da musica que prende attento ouvido,
O sentimento erguendo além da terra.
Eu amo das crianças o sorriso
Pois que n'elle o Jordão deparo sempre
Onde o bulcão dos odios s'esvaece,
Onde as rugas da fronte se distendem,
E o tedio, que o seio me banhava
Desfaz-se em subitaneo, ethereo jubilo.
No semblante infantil o céu s'espelha,
Nos olhos de virginea castidade,
Nas graças que enuncia em cada gesto,
Na palavra que o labio desabrocha...
O' a infancia, a innocencia, é tudo o mesmo!

Depois a avó entrou, ruina esplendida
Por onde das idades passa a foice
E no seu nóbre porte apenas traça
Um vinculo ligeiro que s'aminha
Avita experiencia aos filhos util,
Cuja testa cingida de respeito
Ao sol do inverno resplandece os gelos.

Havia tanta luz n'aquelle grupo
Que alli a natureza apresentava,
Tanta expressão, e magia tanta
Que pintal-o, quem pôde? Quem ousára?
Pintor lança o pincel da tela longe,
O cinzel, o buril alli se calem
Que seu sublime artista é Deus somente.
E tu, penna, do obscuro litterato
Que tentas sublimar-te, não prosigas,
Suspende n'esse arrojo temerario.
Sente-se meramente, não traduz-se
A eloquencia expressiva d'esse quadro.
De Timantes o celso imita o exemplo,
E' digno de imital-o, quando vastas,
Immensas proporções o assumpto abrange.
Assim é que eu quizera o sacerdote:
Quizera-o ver modelo de virtudes,
Bom cidadão, arauto da verdade,
Archetypo dos pais pregando ardente
As venturas da vida na familia,
E repetindo em vez de sévo anathema:
Bemdicto o matrimonio e seus effluvios!
Bemdicta a lei que o matrimonio ordena!

Seguisse o Vaticano a voz do seculo,
Supplantando os defeitos do passado,
Erroneas leis da igreja e preconceitos,
Revestindo a chlamide do progresso,
Grandiosa missão seria a sua,
E Roma houvera preitos entre os povos,
Roma altiva reinara como outr'ora.

Apollinarius Vait Alegre

PERDÃO.

Perdão! Lucia, perdão. . . se n'um momento
De arroubada paixão,
Minha voz foi d'insulto a teus ouvidos;
Se ameaças uni aos teus pedidos,
Perdão! Lucia, perdão!

Perdão! Se eu do pudor o véo rasgando
A flor dos labios teus,
Profanei d'esse amor o sanctuario
Como profana a mão do mercenario
As aras do seu Deus!

Perdão! se n'esses transes do delirio,
De escravo quiz ser rei;
Se respirando o sopro de teu peito
Recusei uma vez render-te preito
No throno que jurei.

Mas tu não te curvaste ás ameaças
Que louco proferi;
Despresaste-me só, que eras rainha
E eu que logo tombei d'altivez minha
Escravo sou de ti.

Ardia-me esta fronte em febre aceza
N'um avido queimor. . .
E eu suppliquei-te, morto de esperança,
Depois... (meu Deus!) eu murmurei — vingança...
Mas tudo só de amor!

Perdão! se n'esse arfar de ethereo gozo
Minh'alma viste arder;
Se enlevado de colera um instante,
Eu tentei acordar n'um peito amante
O medo entre o praser!

Não cedeste ao terror; á nuvem negra
A aguia não baixou;
Quiz do céo derribar-the iroso vento,
Ella firme parou — parou um momento
E mais alto voou!

A aguia foste tu que revoavas
N'um peito a se incendir;
Eu fui o vento que tentou rojar te. . .
Mas das azas de amor á subtil arte
Quem pôde resistir? . . .

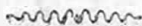
Perdão, porém, meu anjo de delicias
De um Eden divinal;
Perdão! se d'essa chamma nos ardores
Ousei faltar mil juras, e de amores
Fallar de uma rival!

Perdão, Lucia, de amor se arrebatado
Me havia o coração;
Se eu promessas te fiz —ameaçando,
Se em vingança fallei-te —supplicando,
Perdão! Lucia, perdão!

Porto Alegre — 1868.

F. Antunes F. da Luz.

EMENTARIO MENSAL.



Hoc opus hic labor est.

Eis ahi um dito de grande applicação nas cousas d'este mundo, e que excellentemente casa-se n'este instante com o meu máo humor litterario. Por mais que eu pense, por mais que procure inspirar-me, nada brota a imaginação, que cheia de visões informes, só tem concepções sem belleza.

E escreva-se alguma cousa quando sómente o tédio invade o espirito, e a faculdade inventiva não dá de si.

Ah ! Camillo, Camillo, és um rei eterno a quem n'este momento invoco; sopra-me de lá aos ouvidos algumas d'essas phrases ricas de idéas que costumas desprender dos labios, e a minha imaginação expandir-se-ha como a flor bafejada por matulinhas brisas: solta um brado concitante que venha reboar ao Sul do gigante americano, e o meu espirito adejará vivaz, e serei fluente...

Entretanto reina a monotonia, e a sentença — *Hoc opus hic labor est* não se me apaga da mente.

E' que quando a natureza entristece e predispõe-se á lethargia, difficilmente reanima-se; faz-se mister a experimentação de fortes emoções, e mais ainda, que alguma mão divina lhe vá estremecer o seio.

Então ergue-se altiva, acerca-se do bello, e forte e vigorosa subjuga o mal.

Mas falho de emoções, baldo de crenças, que poderei eu sentir á afugentarme o tédio ?

Nada, porque a emoção que verdadeiramente inspira, aquella que vem de um sentimento terno e vivificante do amor, não me vem ao coração, que pulsa na placidez do lar; nada, porque a crença unica capaz de produzir cantos e flores, envelheceu comigo no seio da familia.

E assim é apenas sob a pressão de um dever, que escrevo o ementario, não sabendo mesmo o que fazer para evitar aos leitores alguns momentos de aborrecimento.

Enfim trabalhemos; se formos infelizes, nos dispensarão muita indulgencia, certos de que veda-nos o bom desempenho da missão a frouxidão da intelligencia.

Comecemos; e como cumpre, noticiando o apparecimento de algumas obras, que soejamente attestão o desenvolvimento rapido e brilhante das letras no paiz.

Publicou-se na côrte a segunda edição do muito util e interessante trabalho do Sr. Dr. Castro Lopes, intitulado *Cathecismo de Agricultura*.

Os serviços prestados ás sciencias e ás lettras pelo distincto escriptor são tão conhecidos, que nos dispensamos de apontal-os aqui, deixando mesmo de dizer algo sobre o seu ultimo trabalho, que aliás conhecemos.

*
**

Encetou o Sr. José de Almeida Soares, tambem na côrte, a publicação da tradução de uma *Historia do commercio de todas as nações desde os tempos antigos até nossos dias*.

Não temos o prazer de conhecer o Sr. Almeida Soares, mas saudamol-o pelo relevante serviço que presta á causa das lettras n'essa parte transcendente, que faz o objecto de difficeis estudos, e que sempre recordará os vultos grandiosos de Gresham, Craveu, Beukel e outros.

*
**

Em S. Paulo, n'essa terra das tradições gloriosas, onde ao romurejar das brisas nas florestas, desprendem-se cantares rescendentes de patriotismo; ahi onde a intelligencia brota impetuosa e a imaginação é rica; n'esse torrão encantado, onde talvez a mocidade mais se depura no estudo das lettras patrias, publicaram os Srs. H. Amaral e Candido Barata um drama em quatro actos intitulado — *O Soldado Brasileiro*.

Não conhecemos o trabalho d'esses dois atletas nas lides litterarias, mas somos certos de que, sendo o thema sobre que escreveram vastissimo, deve ter sido bem esboçado o genio do soldado brasileiro.

*
**

O distincto latinista o Sr. Sotero dos Reis traduziu e publicou no Maranhão os *Commentarios de Cezar*.

Que poderíamos nós dizer sobre tal trabalho, quando o conhecemos?

Nada, porque ao passaro que rasteja só é dado mirar a aguia em seu remigio; nada, porque á intelligencia que mingua á falta de cultura, só é dado admirar o talento que se expande.

*
**

Lendas da provincia do Espirito Santo é o titulo de um livro que acaba de ser publicado pelo Sr. Dr. Peçanha Povoas;

Comquanto não conheçamos de perto o Sr. Dr. Povoas, pensamos comtudo que seu livro deve ser importante, já pelo thema necessariamente rico deepisodios, já pelos dotes do autor, a quem pressurosos saudamos.

*
**

O Sr. Dr. Joaquim Maria de Lacerda publicou uma geographia destinada á instrucção secundaria.

Temos ouvido os maiores elogios sobre o livro do Sr. Lacerda, nosso antigo collega de academia, e a cuja intelligencia e illustração sempre nos curvamos; e cremos que a boa justiça lhe assistirá toda a vez que novas producções suas apparecerem.

*
**

Diversas outras publicações se fizerão e em outras provincias, que deixamos de mencionar por não tornarmo-nos mais enfadonho; apontaremos apenas mais

duas que, porque nascerão aqui, tornão-se dignas de especial menção. São ellas o drama *Mulher e Mãe* do distincto litterato o Sr. Eudoro Berlink, e *Trêças e Pêtas*, collecção de romances e contos do não menos distincto poeta o Sr. Vasconcellos Ferreira.

Quanto ao primeiro, já representado no nosso theatro, nada podemos dizer na occasião, a não ser o que dissemos em o numero sete da nossa revista, não só por faltar-nos o tempo e o espaço preciso no ementario, como porque pretendemos em artigos especiaes occupar-nos detidamente d'esse bello trabalho.

Quanto ao segundo, que ainda não conhecemos, diremos alguma cousa no proximo numero da revista.

* * *

Apre ! Os leitores sentem-se fatigados ?

Pois lambem eu, apesar de nada ter feito. Quid facere ? Nem todos nascerão para tudo : não pôde ser bom piloto quem nasceu para arrieiro. Enfim façamos mais um esforço, e chegaremos ao porto.

* * *

A companhia Cabral Junior vai, apezar dos pezares, com vento em pôpa. Feliz gente ! Mesmo repisando os dramas do seu fraco repertorio, não lhe vem calmaria. E' o caso de dizer-se : *Audaces fortuna juvat*.

Que querem ? Quando o povo é paciente e a quadra falha de divertimentos, a necessidade aconselha a tolerancia. Consta-nos que retira-se da companhia a Sra. Marquelou, vindo substituil-a a eximia atriz a Sra. Adelaide Amaral ; não sabemos se é exacto, pouco nos interessa mesmo isso, uma vez que estamos condemnados a admirar tres ou quatro figuras, que por sua crassa ignorancia e requintado deleixo, compromettem os melhores artistas.

* * *

Quizeramos dizer alguma cousa com relação aos actores Germano e Pereira, mas sendo esta revista correspondente ao mez de Dezembro, e demorada por motivos que se prendiam á nova eleição da directoria, não o fazemos, visto que o facto prende-se ao mez de Janeiro : Ao redactor que entra de mez fica essa tarefa que será melhor desempenhada do que por nós.

* * *

Terminamos assegurando aos leitores, que escrevemos estas linhas á ultima hora, e quando nos sentiamos immersos em um mar de tedio.

A. e S.

Porto Alegre, Dezembro de 1869.

